

# Ludwig admite debate sobre a ida ao FMI

**A. M. PIMENTA NEVES**  
**Especial para O ESTADO**

**NOVA YORK** — Embora o presidente João Figueiredo tenha dito anteontem, em Nova York, que o Brasil “por enquanto” não vai precisar pedir empréstimo ao Fundo Monetário Internacional, o ministro Rubem Ludwig, chefe da Casa Militar, admitiu que, internamente, o governo tem discutido a hipótese.

“Ora, essa é uma preocupação que vocês mesmos discutem diariamente nos jornais. É uma hipótese, não é um bicho de sete cabeças”, disse Ludwig aos repórteres, no Hotel Plaza, onde se hospeda a comitiva presidencial. E acrescentou rapidamente: “Mas o Brasil não entrou na fila”.

Ludwig não soube dizer se há uma terapia para evitar a ida ao FMI, que muitos analistas acham indispensável se os bancos internacionais — como confirmou o próprio presidente — continuarem retraídos.

O que o governo estaria preparando para dizer à opinião pública caso seja necessário recorrer ao FMI e às suas receitas de estabilização? O general Ludwig preferiu fugir à pergunta. Despedindo-se dos repórteres, disse, brincando: “Essa expressão ‘ir ao Fundo’ tem de ser bem analisada”.

Gustavo Silveira, porta-voz do Ministério do Planejamento, disse que há sintomas de melhoras no mercado para o Brasil, enquanto Ernane Galvêas limitou-se a declarar que o próprio FMI reconhece que “estamos no caminho certo”. O Brasil demonstrou isso mais uma vez — disse na última semana, ao anunciar as medidas de amplos expectros do controle das exportações.

Entretanto, o ministro da Fazenda afirmou que ainda não possui estimativas dos resultados numéricos desses cortes.

“A aprovação do FMI — afirmou — tem-se refletido nos últimos relatórios da organização sobre o Brasil. As críticas se resumem basicamente nos altos níveis de subsídios creditícios à agricultura e das correções salariais.”

O ministro gostou de saber que, há poucos dias, depondo a portas fechadas perante a Comissão de Relações Exteriores do Senado norte-americano, um especialista da Agência Central de Inteligência (CIA), teria dito a respeito da situação dos países devedores: “O México sabe o que fazer, mas não faz. A Argentina não sabe o que fazer, e, se soubesse, não faria. O Brasil sabe o que fazer e está fazendo”.